

Designações para *nascente de rio* no Centro-Oeste brasileiro: criação lexical e mudança semântica

Designations for *River Source* in Brazilian Midwest: Lexical Creation and Semantic Change

João Carlos Botelho¹

UFT

Daniel Marra da Silva²

IFTO/UFT

Maria Rilda Alves da Silva Martins³

IFTO/UFPA

Resumo: Faz-se, neste artigo, uma demonstração de como a metáfora foi abundante e continua operante no processo de criação lexical e de mudança semântica no português-brasileiro. Evidencia-se que a mudança semasiológica é que permite a mudança de sentido dos itens lexicais *mina*¹ (cavidade artificial no solo) para *mina*² (nascente de rio). Já a mudança onomasiológica força a criação de novos itens lexicais: *olho d'água*, por exemplo, expressa um conceito já existente na língua e faz referência à nascente de um rio, conceito que é expresso ainda pelas formas lexicais, *mina*, *nascente*, *cabeceira*, *fonte*. Processos metafóricos estão envolvidos, tanto na criação do item lexical *olho d'água*, quanto na mudança de sentido de *mina*¹ para *mina*². As unidades lexicais que fornecem a materialidade para a análise foram geradas pelo projeto Atlas Linguístico de Goiás (MILANI *et al*, 2015) relativamente às formas de designação para *nascente de rio*. Tais unidades lexicais deixam-se analisar como tendo se constituído através de metáfora, além de terem sofrido mudança de sentido em diferentes sincronias pretéritas. Aborda-se essa questão do ponto de vista da teoria semântica em sua face diacrônica, bem como da teoria lexical e da etimologia. Argumenta-se, finalmente, que a criação de um item lexical e sua subsequente mudança de sentido refletem as necessidades expressivas dos utentes.

Palavras-chave: Criação lexical, Mudança Semântica, Metáfora, Nascente de Rio.

Abstract: This article demonstrates how metaphor is abundant and operative in the process of lexical creation and semantic change in Brazilian-Portuguese. It shows, on the one hand, that semasiological change is what enables the change of meaning of lexical items *mina*¹ (artificial cavity in the soil) to *mina*² (source of the river). On the other hand, the onomasiological change forces the creation of new lexical items: *olho d'água*, for example, expresses a concept already

¹ Mestrando em Letras (UFT). Professor do Instituto Federal do Tocantins, *Campus* Palmas e SEDUC-TO. E-mail: joão.botelho@ifto.edu.br

² Doutor em Letras e Linguística (UFG). Professor do Instituto Federal do Tocantins, *Campus* Palmas, e professor-colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, *Campus* Porto Nacional (PPG-Letras/UFT). E-mail: danielmarra@ifto.edu.br

³ Mestre em Letras (UFT) e Doutoranda em Linguística (UFPA). Professora do Instituto Federal do Tocantins, *Campus* Palmas. E-mail: maria_gestar@ifto.edu.br

existing in the language to name the source of a river, a concept that is also expressed by the lexical forms *mina*, *nascente*, *cabeceira*, *fonte* (other ways to name the source of a river). The lexical units analysed here were generated by the project Linguistic Atlas of Goiás (MILANI *et al.*, 2015) regarding the designations for *source of the river*. These lexical units can be analyzed as having been constituted through metaphor, in addition to having undergone semantic change in different past synchronies. This problem is approached from semantic theory in its diachronic approach, as well as of lexical theory and etymology. Finally, it is argued that both the creation of a lexical item and its change of meaning involve pragmatic objectives, such as the need for users to express a new meaning related to a certain referent in the world.

Key-words: Lexical Creation, Semantic Change, Metaphor, River Source.

Submetido em 22 de setembro de 2019.

Aprovado em 18 de novembro de 2019.

1. Introdução

Mostra-se neste estudo como o sentido se instancia na formação de palavras e como a mudança de sentido se implementa subsequentemente. Para a análise, recorreu-se ao banco de dados do projeto Atlas Linguístico de Goiás (MILANI *et al.*, 2015), especificamente, às unidades lexicais que recorrentes para a designação de *nascente do rio*. Para fins metodológicos, buscou-se contrapor os sentidos metalexográficos com os expressos nas intenções significativas dos falantes. Enfocou-se, sobretudo, no conteúdo semântico das palavras, recorrendo, sempre que possível, aos seus étimos e a sincronias pretéritas, mas também ao processo de mudança semântica por que elas passam na sincronia atual (dados do Alingo). Como será evidenciado, notadamente, os processos mais produtivos de criação lexical e de mudança de sentido são de ordem metafórica.

Eugênio Coseriu (1985) distingue o conteúdo do saber linguístico em três níveis estruturais: designação, significado e sentido. A designação ou referência é a relação do ato linguístico com o objeto no mundo extralinguístico (relaciona-se com o saber elocucional, leis do pensamento, conhecimento das coisas, do mundo). O significado é o conteúdo linguístico, a forma particular de possibilidades de designação (relaciona-se com o saber idiomático, saber linguístico historicamente dado). O sentido é o conteúdo linguístico particular, que é expresso por meio da designação e do significado (relaciona-se com o saber expressivo, conhecimento do conteúdo linguístico). Assim, uma realidade extralinguística como *nascente do rio* (designação) pode ser alcançada por meios

linguísticos através do conteúdo expresso pelo significado *mina*, que é uma das formas linguísticas de designação desse objeto no mundo empírico. O sentido, o nível mais abstrato, emerge da relação dos significados *mina*, *nascente*, *olho d'água*, *cabeceira*, *fonte* com a designação *nascente do rio* (o objeto extralinguístico).

Usando terminologia análoga, Augusto Soares da Silva (2006) diz que no estudo do léxico o pesquisador pode partir de uma unidade lexical para os seus sentidos e referentes ou do significado ou conceito para as diferentes unidades lexicais que o podem designar. Na abordagem adotada neste estudo, ao fazer uso da terminologia coseriana, partiu-se da designação (ou referente), ou seja, o sentido da designação *nascente do rio* foi motivada pelo inquiridor no aparelho conceitual do participante da pesquisa, que em resposta expressou os significados *mina*, *nascente*, *olho d'água*, *cabeceira*, *fonte*. Nesse caso, o questionário do inquirido e o inquiridor (no caso específico deste estudo) exerceram a função de conceituadores do objeto de estudo que motivaram, em contrapartida, o inquirido a visualizar a imagem do referente (o objeto no mundo) e verbalizar a forma linguística de sua designação (o seu significado).

Para a análise das unidades lexicais selecionadas, adotou-se um enfoque diacrônico, buscando principalmente verificar como o sentido se instancia na formação de uma nova palavra e como o ele muda no decorrer do tempo. Recorreu-se, assim, à teoria semântica em sua face histórica ou diacrônica, que se ocupa do estudo “das unidades significativas da língua” e que tem como fio condutor “orientar a explicação da mudança semântica” (ROTH, 1998, p. 66, 70). Relativamente à mudança semântica, Silva (2006) distingue entre mudança semasiológica, desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra, e onomasiológica, expressão de determinado conceito, por um novo item lexical. Ambas desempenham funções distintas nesse processo.

Evidencia-se, a seguir, que a mudança semasiológica é que permite a mudança de sentido dos itens lexicais *mina*¹ (cavidade artificial) para *mina*² (nascente do rio). Já a mudança onomasiológica força a criação de novos itens lexicais: *olho d'água*, por exemplo, expressa um conceito já existente na língua e faz referência à nascente de um rio, conceito que é expresso ainda pelas formas lexicais, *mina*, *nascente*, *cabeceira*, *fonte* etc.

Em ambos os casos, processos metafóricos estão envolvidos, tanto a criação do item lexical *olho d'água*, quanto na mudança de sentido do vocábulo *mina*. Os exemplos não se reduzem a estes, mas são suficientes para justificar a importância de uma

abordagem semântico-diacrônica a um estudo que trata da criação e da mudança de sentido palavras. Além disso, esta análise esclarece a importância que os processos metafóricos desempenham na criação lexical. Tais processos mostram que a mudança de sentido das palavras aparece como decorrente de causas externas à língua, como ocorre com a passagem de um uso linguístico restrito a determinado grupo linguístico para outro grupo (MEILLET, 1905-1906). Nesse processo, perde-se, geralmente, a ideia etimológica da palavra, que ganha, no novo grupo, um sentido menos específico em relação ao seu étimo, às vezes sem relação nenhuma com a ideia original.

Na análise empreendida, referente ao campo semântico-lexical acidentes geográficos, emergiram-se unidades lexicais cujos sentidos etimológicos fazem crer que algumas se constituíram através de processos metafóricos; outras passaram pelos dois processos em sincronias distintas. Termos como *mina*, *nascente*, *olho d'água*, *cabeceira*, *fonte* deixam-se analisar como tendo se constituído através de processos metafóricos, embora, em alguns casos, essa ideia já não seja mais percebida sem que se recorra a sincronias pretéritas ou mesmo ao étimo da unidade lexical em análise.

Notadamente, os processos metafóricos desempenham importantes funções no processo de criação lexical e mostram que a mudança de sentido das palavras aparece como decorrente de causas externas à língua, mas que se relaciona com o processo cognoscitivo, com a forma de apreender o mundo pela linguagem.

2 Descrição e análise das unidades lexicais

As unidades lexicais analisadas a seguir advém dos dados gerados pelo projeto Atlas Linguístico de Goiás – Alingo (MILANI, *et al*, 2015), com foco na diatopia do nordeste goiano. Isso significa que as unidades lexicais analisadas são o resultado dos dados colhidos nos pontos que constituem a região nordeste do estado de Goiás. Tais dados oferecem uma amostra das unidades lexicais mais recorrentes na fala dos habitantes dessa região.

Foram colhidos dados de 36 participantes, de 9 cidades, sendo 4 participantes por ponto de coleta, conforme descritos no Gráfico 2, abaixo. Esse enfoque diatópico, embora seja importante para que se tenha uma noção de quais termos sejam os mais recorrentes na fala dos participantes da pesquisa, em seus atos de nomeação do mundo a sua volta,

tem um valor mais reduzido aos propósitos deste estudo. Com a finalidade de analisar o processo de formação desses itens lexicais de suas subsequentes mudanças de sentido, elegeu-se para análise os itens lexicais que recobrem as designações relativas ao objeto no mundo empírico “nascente do rio”.

2.1 Descrição das unidades lexicais *nascente*, *cabeceira*, *mina*, *minador*, *foz*, *olho-d'água*, *fonte*

Gráfico 1 – Produtividade das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 2 do Alingo (como chama o lugar onde o rio começa?)

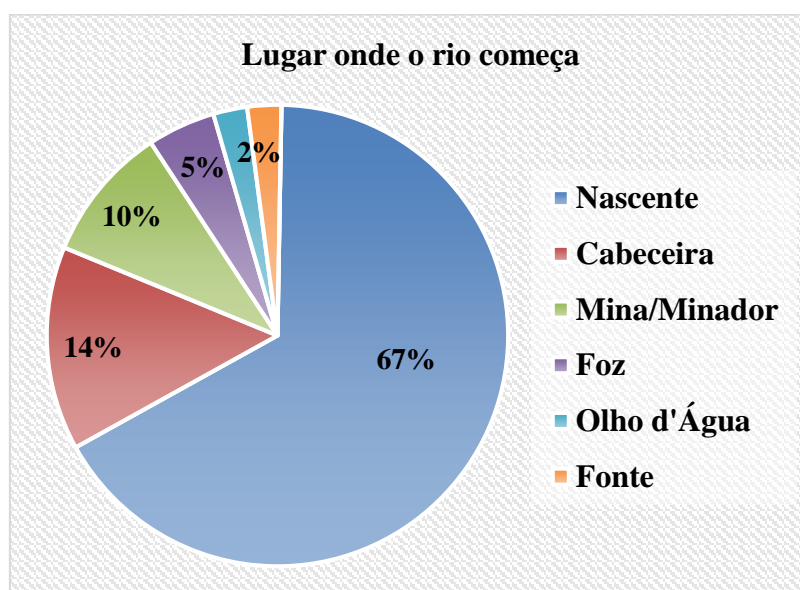
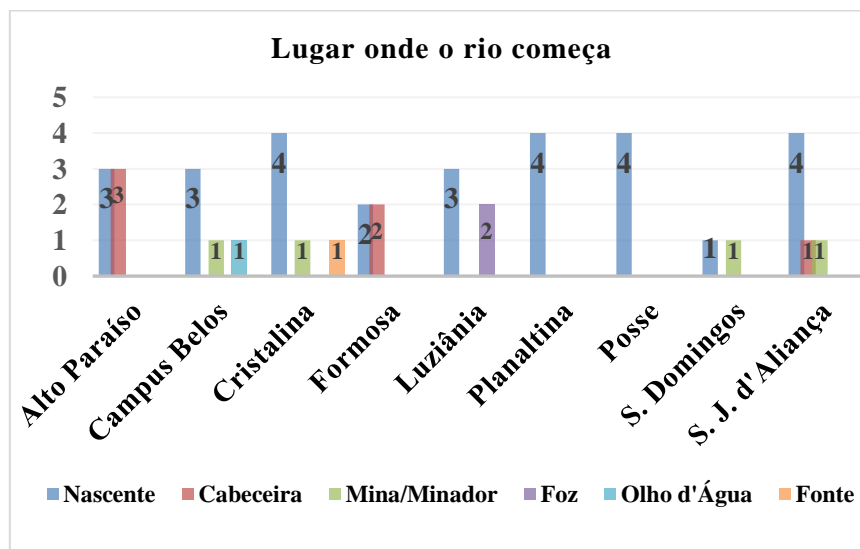


Gráfico 2 – Distribuição diatópica das unidades lexicais que recobrem o conceito da questão 2 do Alingo (como chama o lugar onde o rio começa?)



Conforme o gráfico acima, o item lexical *nascente* surgiu como o significado mais recorrente (67%) para a designação nascente do rio na fala dos participantes do Alingo na região pesquisada. Derivado do verbo *nascere*, do latim vulgar *nascere*, recebe de Ferreira (2004), entre tantas, a definição de “lugar onde nasce um curso de água” e apresenta-o como sinônimo de *cabeceira*. Este apresentou-se como o segundo mais recorrente (14%), porém em número bem mais reduzido. Derivado de *cabeça*, do latim vulgar *capitia* e do latim clássico *caput*, *cabeceira* recebe de Ferreira (2004), entre tantas, a definição de “lugar onde nasce um rio ou riacho” e apresenta-o como sinônimo de *nascente*.

Mina, o terceiro item mais recorrente (10%), possui origem celta. Emprestado para o português do francês *mine*, deu origem ao verbo *minar*. Conforme Cunha (2013), essa unidade lexical designa uma “cavidade feita na terra ou na rocha para se extraírem metais, carvão, etc.” e ainda cavidade destinada à extração de “minérios, combustíveis, água, etc.” Não há em Ferreria (2004) ou Cunha (2013) qualquer definição de *mina* com o significado empregado pelos informantes da pesquisa, como o lugar onde o rio começa. Nas acepções apresentadas, o vocábulo *mina* se refere a uma cavidade artificial e não natural.

O item *Minador(ouro)*, do verbo *minar* + *-douro*, é definido por Ferreira (2004) como “olho-d’água, quase sempre nascente, de um ribeirão ou de um córrego, ou de um fundo de grotá”, que apresenta ainda a variação *minador*. Talvez aqui se encontra uma

possível explicação para o emprego do vocábulo *mina* no sentido de nascente do rio. O termo *mina* conforme empregado pelo participante do Alingo resulta, então, derivação regressiva do vocábulo *minadouro*.

O termo *foz* (5% de ocorrências) é definido por Ferreira (2004) como um “ponto onde um rio (ou outro curso fluvial) termina, desaguando no mar, num lago ou em outro rio”, e ainda apresenta os sinônimos “desembocadura” e “embocadura”. Não pode, portanto, em termos lexicográficos, significar lugar onde o rio começa, mas exatamente o contrário disso. Para 5% dos participantes da pesquisa, no entanto, *foz* significa lugar onde o rio começa.

O vocábulo *olho-d'água*, juntamente com o item lexical *fonte*, reuniram juntos 2,5% das ocorrências. O primeiro é definido por Ferreira (2004) como “nascente que rebenta do solo; fonte natural perene”. Aqui a relação de sentido entre *nascente* e *olho-d'água* parece estar relacionada à fonte lacrimal dos olhos e ao fato de a nascente produzir uma fonte natural de água. Como exemplificação, Ferreira cita o seguinte excerto: “no ardor úmido da selva, o *olho-d'água* se ofertando frio, nunca para de minar” (Tiago de Melo, *Mormaço na Floresta*, p. 72). Essa citação é significativa pois apresenta esse termo já cristalizado na língua e registrado na literatura nacional com o sentido de nascente de um curso d'água. Finalmente, a unidade lexical *fonte*, do latim *fons –tis*, recebe de Cunha (2013) e Ferreira (2004) a definição de “nascente de água”. Esse item lexical recobre o significado de fonte perene que vai ao encontro do sentido da designação *nascente de rio*.

2.2 Análise das unidades lexicais

Evidentemente, a formação lexical *olho-d'água*, que significa nascente (do rio), revela o processo metafórico envolvido em sua construção. Trata-se de uma palavra composta por aglutinação *olho+de+água*. Para compreender a instanciação do processo metafórico na construção desse vocábulo, é imprescindível identificar os traços semânticos envolvidos no item lexical *olho* e, ainda, os que se acham relacionados com o termo *nascente*. O vocábulo *água*, que compõe com o termo *olho*, funciona como um especificador deste, restringindo-lhe o sentido. Nota-se que o vocábulo *olho* possui os seguintes traços semânticos: circular, fonte lacrimal, úmido. Nascente possui, entre outros, os seguintes traços semânticos: circular, fonte natural perene, úmido. Os dois

termos possuem essencialmente as mesmas intersecções sêmicas: ambos são circulares, com uma fonte natural, que brota do interior e molha a superfície.

Assim, não é difícil perceber a relação metafórica que existe entre os termos *olho-d'água* e *nascente*. No entanto, a construção metafórica de *olho-d'água* não se dá a partir do termo *nascente* e sim com o próprio processo natural que permite o surgimento da água do interior da terra. É através da observação direta desse fenômeno natural em que a água brota do solo, formando uma espécie de fonte lacrimal, que a unidade lexical *olho-d'água* foi criada. A relação metafórica, neste caso, se dá a partir do vocábulo *olho*, de onde se percebem os traços semânticos circular e fonte lacrimal. São esses traços semânticos, que também são compartilhados pelo novo objeto da nomeação, que serão determinantes para que se nomeie de *olho-d'água* a fonte que brota do solo.

É interessante observar que o termo *nascente*, sinônimo de *olho-d'água*, também se constituiu por metáfora. *Nascente*, derivado do verbo *nascer*, extrai desse verbo o significado principal que é o de surgir, originar-se, ganhar vida. Assim, é através da observação do processo natural de surgimento da água do solo que se pôde chamar de *nascente* o local onde nasce um fluxo de água.

O vocábulo *cabeceira*, também nomeado relativamente a *olho-d'água* e *nascente*, é outro termo que se constituiu por metáfora. *Cabeceira* derivou-se de cabeça por metáfora e mantém o sentido de lugar onde fica a cabeça. Assim, pode-se pensar em *cabeceira* como a parte, ou a extremidade, da cama onde se põe a cabeça. Cabeça, por sua vez, é um termo que tem sua origem no vocábulo latino *caput*, que, entre tantos outros, deu origem ao vocábulo *cabo*, que, embora altamente polissêmico, conserva como um de seus sentidos o de “ponta ou porção do continente que avança mar adentro” (VIARO, 2011, p. 196), mantendo a ideia de extremidade.

Esses exemplos são suficientes para que se perceba que o termo *cabeceira* foi criado, por metáfora, para significar o lugar onde o rio nasce ou começa, por conter em si a ideia de extremidade. A relação metafórica pode ter ocorrido com o próprio termo *cabeça*, que representa uma das extremidades do corpo humano; logo, a cabeça do rio, ou sua cabeceira, é a extremidade do rio onde ele nasce. Ademais, a ideia de cabeceira é bastante relacionada com o início de algo. Isso torna possível que se fale de cabeceira da ponte (o início da ponte), cabeceira da mata (o início da mata), cabeceira da roça (início da roca/plantação) etc.

O vocábulo *mina*, de origem celta, emprestado para o português através do francês *mine*, deu origem ao verbo *minar* (abrir mina, cavar, escavar). Não há em Cunha (2013) ou Ferreira (2004) uma definição de mina com o significado empregado pelos participantes da pesquisa, como o de *nascente do rio*. Em ambos os dicionários, as acepções apresentadas ao vocábulo *mina* se referem a esse termo como uma cavidade *artificial* e não natural. Por outro lado, o termo *minadouro*, derivado do verbo *minar* + *-douro*, recebe a definição de Ferreira (2004) como “olho-d’água, quase sempre nascente, de um ribeirão ou de um córrego”, que ainda apresenta a variação *minador*.

Evidentemente, se a análise se concentrar apenas em suas definições metalexográficas, os termos *mina* e *minadouro* não podem ser considerados sinônimos: *mina*, o termo original, se trata de uma cavidade artificial na terra; *minadouro*, o termo derivado, faz referência a uma nascente de água. A designação de *mina* pelo participante da pesquisa (10% de ocorrências) faz crer que um novo vocábulo está emergindo para designar o objeto no mundo empírico, nascente do rio: *mina*², redução vocabular de *minadouro*, cujo sentido é o mesmo expresso pelo participante da pesquisa.

Evidentemente, a relação de sentido entre *mina*² e seu homônimo *mina*¹ deve-se ao fato de esta referir-se a uma cavidade artificial na terra e de aquela nomear um fenômeno natural que provoca uma cavidade natural por força da água que brota da terra. Essa motivação metafórica forçou a criação de um novo sentido para o vocábulo *mina*, já existente na língua. *Mina*¹ e *mina*² passam então a coexistir no aparelho conceitual dos utentes da língua como formas linguísticas homônimas morfológicamente, mas distintas semanticamente. Este é um exemplo de mudança semasiológica, que ocorre a partir do desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra.

Considerações Finais

O estudo do léxico revela a história de seus processos constitutivos de forma e de sentido. O sentido das palavras de uma língua pertencente a uma comunidade linguística na sincronia atual causa a ilusão de que ele sempre esteve ali, significando e descrevendo o objeto que nomeia. Assim, estudar a história de uma palavra é perceber tanto a singularidade de sua constituição morfo-fonológica e semântica quanto a sua relação com o objeto de sua designação. A compreensão do funcionamento desses processos se

apresenta num primeiro momento como um intrigado quebra-cabeças, mas cujas peças vão aos poucos se revelando e vão explicitando a lógica interna da criação lexical, bem como suas motivações semânticas no processo de nomeação de um objeto no mundo e de suas subsequentes mudanças de sentido.

Este estudo apresentou um grupo de palavras que se formaram em torno de uma designação (referente) no mundo extralinguístico. Como evidenciado, uma única designação (terminologia coseriana) reúne em torno de si vários significados (unidades particulares de designação, unidades lexicais) cujas histórias individuais permitem o rastreio de suas origens, a observação de suas transformações metaplasáticas e as mudanças semânticas por que passaram para chegar à sincronia atual, significando e trazendo consigo a ilusão de identidade com a coisa nomeada. A análise dos dados da pesquisa mostrou o quão dinâmico e produtivo é o processo de criação lexical e de mudança semântica na língua portuguesa no Brasil. O enfoque adotado aqui evidenciou os processos metafóricos atuantes, tanto no processo de mudança semasiológica quanto de mudança onomasiológica.

William W. Whitney (1867) dizia que o fato de a língua ser uma criação humana, nada haveria de interno ao seu sistema que pudesse conservar a identidade das palavras. Uma palavra não representaria assim um reflexo natural de uma ideia, mas apenas sua designação, um signo arbitrário e convencional com o qual se aprende a associá-la. Por ser o signo linguístico uma designação arbitrária, ele carece de força interna que conserve sua identidade. Isso faz com que ele fique exposto a toda sorte de mudanças. Uma vez que uma unidade lexical passa ao domínio do tempo, este se torna o seu principal indicador de estabilidade e de mudança. É observando as palavras localizadas no tempo que se pode perceber a instanciação e a implementação de determinadas mudanças semânticas, como as que foram evidenciadas acima (cf. MARRA & MILANI, 2014; MARRA & MILANI, 2013).

Resta ainda uma questão importante a ser analisada: como um referente qualquer no mundo (significante) pode reunir em torno de si tantas formas linguísticas relacionadas ao mesmo conceito (significado) ou a conceitos aproximados? E como essa quantidade de formas e conceitos unidos ao mesmo referente não interferem negativamente no processo de apreensão e organização da realidade do mundo e no processo comunicativo? A noção de categorização poderá lançar luz sobre essa questão. A categorização é um processo cognitivo que permite aos utentes de uma língua a identificação, agrupamento e

nomeação do mundo ao redor. Nesse sentido, Silva (2006, p. 298) fala sobre a importância da categorização no processo de classificação, nomeação e organização da realidade como um artifício de “redução da complexidade do mundo em que vivemos”. A categorização é assim vista como uma facilitadora da aprendizagem e uso de uma língua, uma vez que a cognição humana acomoda os significados das coisas em categorias mais ou menos hierarquizadas em torno de um centro prototípico⁴.

Este mostrou que embora as terminologias *mina*, *nascente*, *olho d'água*, *cabeceira*, *fonte* estejam todas relacionadas com o sentido básico da categoria, o sentido prototípico básico que define a categoria *lugar onde o rio começa* está mais centralizado em torno do termo *nascente* do que em torno de *cabeceira*, e de outros que gozam de uma definição mais periférica no aparelho conceitual dos utentes participantes da pesquisa. Nesse sentido, unidades lexicais que compõem uma mesma categoria podem não gozar do mesmo *status* de igualdade ao conceituar um determinado significante. A categorização exerce, assim, uma função fundamental e necessária, pois facilita a apreensão e organização do mundo através da linguagem, permitindo aos utentes, sempre que necessário, avaliar o grau de prototipicidade dos conceitos e usar o mais adequado para a situação comunicativo-pragmática. Além disso, permite à cognição humana que acomode e interprete novas palavras e as mudanças semânticas decorrentes do uso no interior de categorias já existentes na língua.

Referências

ALMEIDA, E. C.; SOUSA, A. G. F. A prototipicidade em verbetes de dicionários escolares. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 67, p. 110-117, jul./dez. 2014.

COSERIU, E. Linguistic competence: what is it really?. *The Modern Language Review*, v. 80, n. 4, p. xxv-xxxv, 1985.

⁴ A teoria dos protótipos surgiu no âmbito da Psicologia Cognitiva. Eleanor Rosch trouxe importantes contribuições sobre o processo de categorização. Nesse sentido, Aragão Neto ressaltou: “Rosch mostrou [...] que há membros mais, e outros menos, representativos de uma categoria: para a categoria ave, por exemplo, *canário* e *pombo* estão entre os membros mais prototípicos, e *avestruz* e *pinguim* entre os menos” (*apud* ALMEIDA & SOUSA, 2014, p. 113).

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FERREIRA, A. B. O. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

MARRA, D.; MILANI, S. E. O Cerrado é uma floresta de cabeça para baixo: análise da unidade lexical Cerrado. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 9, n. 20, 2016.

MARRA, D.; MILANI, S. E. Reflexões acerca da noção de língua como uma instituição social em William D. Whitney. *Cadernos do IL*, n. 46, p. 129-147, 2013.

MEILLET, A. “Comment le Mots Chagent de Sens”. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1905-1906].

MILANI, S. E. *et al. Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

RIO-TORTO, G. M. Desafios em morfologia: história e (re)conhecimento. In: VIARO, M. *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. (p. 31-57)

ROTH, W. A Semântica Histórica: um campo abandonado da Linguística? *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 61-79, 1998.

SILVA, A. S. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

VIARO, M. *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.

VIARO, M.; FERREIRA, M. J.; GUIMARÃES FILHO, Z. O. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, M. *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. (p. 58-105)

VIARO, M.; FERREIRA, M. J.; GUIMARÃES FILHO, Z. O. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

WHITNEY, W. D. *Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science*. London: N. Trubnek&Co., Ludgate Hill, 1884[1867].